

Uma “estética do humano” inconformista: da atualidade dos contos satíricos de Heinrich Böll

A Nonconformist “Aesthetics of the Human”: On the Relevance of Reading Heinrich Böll’s Satiric Tales Today

Ana Maria Pinhão Ramalheira

DLC, CLLC, Universidade de Aveiro

Palavras-chave: Heinrich Böll, conto, pós-guerra, burguesia, Igreja Católica, estética do humano.
Keywords: Heinrich Böll, short stories, post-war period, middle class, Catholic Church, aesthetics of the human.

Einmischung ist die einzige Möglichkeit,
realistisch zu bleiben.

Nem sempre os temas de Literatura que leccionamos estão diretamente relacionados com os temas da investigação que realizamos. Na verdade, quando me deparei com a interessante temática deste volume – *O conto: o cânone e as margens* – andava a braços com a preparação das aulas sobre o famoso conto satírico *Nicht nur zur Weihnachtszeit* [*Não só pela Quadra do Natal*] (1952) de Heinrich Böll, pelo que ponderei de imediato a possibilidade de revisitar a fecunda obra do Nobel alemão da boina basca no âmbito da narrativa breve, aliás o género literário que ele cultivava com mais gosto e do qual é um dos mais significativos representantes na Literatura Alemã. Por outro lado, pareceu-me que fazia todo o sentido revisitar Böll no ano em que na Alemanha se comemora o centenário do seu nascimento¹. É pois aos meus caríssimos alunos de Literatura Alemã II e de Temas de Literatura Alemã que dedico este despretensioso texto, que mais não ambiciona do que chamar a atenção para a obra deste escritor, que caiu entre-

¹ A casa editora da Kiepenheuer & Witsch – com cuja chancela a obra de Böll vem a lume desde 1951, ano em que foi agraciado com o Prémio do Grupo 47, na sequência da leitura pública do conto *Die schwarzen Schafe* [A ovelha negra] – publicou no corrente ano na internet, com o apoio da Fundação Heinrich Böll, uma página *web* inteiramente dedicada não só à vida e obra desta autor, mas também aos numerosos e diversos eventos culturais que têm vindo a ser realizados no âmbito das comemorações do centenário do nascimento do escritor (cf. Kiepenheuer & Witsch, 2017).

tanto praticamente no esquecimento não só em Portugal², não obstante existir um número considerável de traduções portuguesas da sua obra³, mas também em certa medida na Alemanha, apesar de ter sido agraciado com o Prémio Nobel da Literatura em 1972 e de ser periodicamente lembrado nas datas redondas contíguas ao seu nascimento ou à sua morte⁴. Ainda que de forma necessariamente sucinta, pretendo assim debruçar-me sobre a questão da atualidade da produção literária de um dos autores alemães mais lidos e prestigiados nos anos 50, 60 e 70 do século XX.

Heinrich Böll pertenceu à geração dos escritores do pós-guerra que participou na Segunda Guerra Mundial, na qualidade de soldado das forças armadas nazis (Wehrmacht), uma fase da sua vida de que dá conta nas *Cartas da Guerra 1939-1945* (*Briefe aus dem Krieg 1939-1945*) (vd. Böll, 2001) e nos *Diários de Guerra* (*Kriegstagebücher*) (vd. Böll, 2017). Foi um veemente pacifista e anti-fascista, tendo-se manifestado (quer como cidadão, quer através das sua obra literária) contra Nacional-Socialismo, contra o rearmamento, contra a Guerra no Vietname, contra o autoritarismo, contra o chamado “milagre económico” da Era Adenauer e contra a hierarquia da Igreja Católica⁵. Compreende-se assim que Böll tenha

² Diga-se a título de curiosidade que Heinrich Böll, assim como outros intelectuais alemães, visitou Portugal em 1975, onde terá demonstrado interesse pela reforma agrária (cf. Carvalho, 2017, p. 279). Böll deu ainda uma entrevista aos jornalistas Klaus Sauer und Wolfram Schütte sobre a situação política em Portugal na *Deutschlandfunk*, a 18 de fevereiro de 1976. Um versão reduzida desta entrevista veio a lume na *Frankfurter Rundschau*, no mesmo ano (vd. Böll / Sauer / Schütte, 1976, p. III).

³ Vd. as seguintes traduções portuguesas de obras de Böll (apresentadas a seguir por ordem cronológica da primeira publicação em Portugal): os contos *Os Hóspedes Inesperados* (*Unberechenbare Gäste und andere Erzählungen*, 1956), por Mário Vilaça (Lisboa: Arcádia, 1960; 1972); o romance *E Não Disse Nem Mais uma Palavra* (*Und sagte kein einziges Wort*, 1953), por Maria Teresa e João Carlos Beckert d'Assumpção (Lisboa: Aster, 1959); o romance *Retrato de Grupo com Senhora* (*Gruppenbild mit Dame*, 1961) por Maria Adélia Silva Melo (Lisboa: D. Quixote, 1973); a narrativa *A Honra Perdida de Katharina Blum* (*Die verlorene Ehe der Katharina Blum*, 1974), por Maria Helena Rodrigues de Carvalho (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1980; Edições Abril/Controljournal, 2000); o romance *Casa Indefesa* (*Haus ohne Hüter*, 1954), por Jorge Rosa (Lisboa: Livros do Brasil, 1965; 1973; 1981); a (primeira) obra autobiográfica *O que É que Vai Ser do Rapaz* (*Was soll aus dem Jungen bloß werden? Oder: Irgendwas mit Büchern*, 1981), por Maria Adélia Silva Melo (Lisboa: Difel, 1986; 1987); a coletânea *Contos Irónicos* (edição bilingue), por Veronika de Vasconcelos (Mem Martins: Publicações Europa-América, [s.d.] [1983?]; o romance *O Anjo Mudo* (*Der Engel schwieg*, 1992), por Cláudia Porto e revisão de Ana Filipa Raposo de Magalhães (Porto: Edições Asa, 1995); *Bilhar às Nove e Meia* (*Billard um halb zehn*, 1959), por João Carlos Beckert de Assumpção (Lisboa: Aster, 1961) e por Vanda Gomes (Lisboa: Ulisseia, 2011).

⁴ Böll foi o primeiro escritor alemão a ser distinguido com o Prémio Nobel da Literatura após a Segunda Guerra Mundial, a ditadura nazi e o Holocausto. Na altura, a Alemanha contava com sete laureados deste prémio na mesma categoria, nomeadamente Thomas Mommsen (1902), Rudolf Eucken (1908), Paul Heyse (1919), Gerhart Hauptmann (1912), Thomas Mann (1929), Hermann Hesse (1946) e Nelly Sacks (1966). Böll foi ainda agraciado com numerosos prémios literários, como, entre outros, o Prémio da Crítica Alemão (*Deutscher Kritikerpreis*, 1953), o Prémio Georg Büchner (*Georg-Büchner-Preis*, 1967) e a Medalha Carl von Ossietzky (*Karl-von-Ossietzky-Medaille*, 1974).

⁵ Cf. as diversas biografias de Böll, designadamente as mais recentes: Vormweg, 2017 [1.ª ed., 1999], Linder, 2009, e Schubert, 2017, respetivamente, *passim*. Böll nasceu em Colónia, no seio de uma

incendiado fortes controvérsias, que todavia enfrentou sempre com grande frontalidade e honestidade intelectual. Apoiou o movimento pacifista contra o rearmamento da NATO, tendo participado pessoalmente, em 1983, numa manifestação contra a instalação de uma base de mísseis nucleares em Mutlangen (Baden-Württemberg). Em 1974, recebeu em sua casa Alexander Soljenítsin, o Nobel da Literatura (1970) expatriado pelo regime comunista soviético, que manifestara o desejo de conhecer pessoalmente o seu colega alemão⁶.

Böll envolveu-se de facto nas grandes questões sociopolíticas debatidas na Alemanha Ocidental na segunda metade do século XX, quer através da sua obra ficcional, quer dos seus numerosos ensaios, entrevistas e discursos, que testemunham um genuíno empenhamento cívico. Apoiou Willy Brandt nas eleições para o Bundestag em 1969. Defendeu, em 1972, na revista *Der Spiegel*, a publicação de um relatório objectivo sobre Ulrike Meinhof e a Rote Armee Fraktion (a associação terrorista de extrema-esquerda, internacionalmente conhecida por grupo Baader-Meinhof), insurgindo-se contra a forma como o jornal sensacionalista *Bild-Zeitung* se apressara a condenar, sem provas concretas, os alegados envolvidos (cf. Böll, 1972). A intensa polémica gerada por este artigo, que valeu a Böll a acusação de simpatizante daquele grupo terrorista, está na génese da sua famosa novela *Die verlorene Ehre der Katharina* (*A Honra Perdida de Katharina Blum*) (1974).

família católica, um ano antes de terminar a Primeira Grande Guerra. Após ter completado o Ensino Secundário em 1937, fez um tirocínio numa livraria e foi incorporado no Reichsarbeitsdienst, uma espécie de serviço cívico imposto pelo regime nazi aos jovens alemães do sexo masculino e feminino a partir de 1935, com o objectivo de os doutrinar na ideologia do Nacional Socialismo. No verão de 1939, Böll inscreve-se no curso de Germanística e de Filologia Clássica na Universidade de Colónia, o qual terá de abandonar poucos meses depois, devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial. Böll esteve ao serviço da Wehrmacht durante seis anos. Em 1943 casa com a professora Annemarie Cech, a mãe dos seus três filhos. Foi preso pela forças aliadas americanas em Abril de 1945 e libertado em setembro do mesmo ano. No imediato pós-guerra, Böll retoma a licenciatura, vivendo de trabalhos eventuais. Em 1951, é agraciado com o reputado Prémio do Grupo 47 – o mais conhecido grupo de escritores da Alemanha do pós-guerra, que não obedecia a qualquer forma de organização, não possuía uma lista fixa de membros e não tinha qualquer programa literário, sendo apenas constituído por quem participava nas suas reuniões anuais, a convite do escritor Hans Werner Richter ao longo dos vinte anos de existência do Grupo (1947 e 1967) –, que distinguiu o humor satírico da *Kurzgeschichte* [texto de prosa narrativa curta] *Die schwarzen Schafe* [As ovelhas negras], lida nessa sétima reunião anual do Grupo 47 em Bad Dürkheim pelo próprio Böll. Este prémio está associado ao início do reconhecimento público do escritor e à concomitante abertura das portas da grande casa editora Kiepenheuer & Witsch.

⁶ Em resposta à imprensa conservadora – que manifestou perplexidade pelo facto de Soljenítsin se ter encontrado Böll, em vez de se ter dirigido ao jornalista Gerhard Löwenthal ou à poderosa editora Springer, ainda por cima dado que o Nobel alemão era na altura acusado de não fazer nada pelos seus colegas escritores na União Soviética –, Böll declarou ao *General-Anzeiger* (Bona): “Bei mir ist jeder Flüchtling willkommen, egal ob er aus einem kommunistischen Land kommt oder als Kommunist aus einem nichtkommunistischen Land. Wenn Alexander Solschenizyn kommt, dann erhält er bei uns Tee, Brot und Bett”. [Em minha casa qualquer refugiado é bem-vindo, quer seja oriundo de um país comunista ou de um não comunista. Quando Alexander Soljenítsin vier, será recebido em nossa casa com chá, pão e cama]. *Apud* Schäfer (S.d.). Sobre este encontro histórico, vd. ainda o testemunho de Viktor Böll, sobrinho do escritor alemão (*apud* FAZ-Redaktion, 2008).

Unanimemente considerado um homem genuinamente honesto pela forma desassombrada e íntegra com que abraçou publicamente diversas causas sociais e políticas, Böll foi reiteradamente apelidado de “consciência da nação” (“*Gewissen der Nation*”)⁷, um epíteto que ele aliás rejeitou com veemência, qualificando-o de “insanidade que pode ser fatal” (*lebensgefährlicher Wahnsinn*) e alegando que a consciência da nação era, na verdade, o seu Parlamento, a sua constituição, a sua legislação e o seu sistema judicial⁸. Da forma como esta imagem de Böll era publicamente encenada se fez também eco o Professor de Literatura na Universidade de Yale Peter Demetz, no discurso que proferiu quando da eleição do escritor alemão para presidente do PEN-Club International, em Dublin (1971), apelidando-o de “emblemático «bom alemão»” (*der emblematische “gute Deutsche”*)⁹.

Nas suas conhecidas obras *Mehr als ein Dichter: Über Heinrich Böll* (1994) e *Mein Leben* (1999), o temido e influente crítico literário Marcel Reich-Ranicki (1920-2013) denomina o seu amigo Böll¹⁰ de *praeceptor Germaniae*, de “pregador com traços de clown” (*Prediger mit clownesken Zügen*)¹¹, e de “louco com dignidade

⁷ Sobre a metáfora “consciência da nação” aplicada à obra de Böll, vd. ainda Sieg, 2011, p. 317 ss.

⁸ Numa das várias entrevistas que concedeu a Christian Linder, Böll afirmou peremptoriamente: “Es gibt ja dieses Wort vom Gewissen der Nation, das Grass und ich und andere sein sollten – das halte ich für lebensgefährlichen Wahnsinn; das Gewissen der Nation ist eigentlich ihr Parlament, ihr Gesetzbuch, ihre Gesetzgebung und ihre Rechtsprechung, das können wir nicht ersetzen und das maßen wir uns auch gar nicht an”. [Corre por aí essa expressão de consciência da nação, que Grass, eu e outros deveríamos ser – considero-a uma insanidade que pode ser fatal; a consciência da nação é, na verdade, o seu parlamento, a sua constituição, a sua legislação e o seu sistema judicial, os quais não podemos substituir, nem nos arrogamos de modo algum esse direito.] Cf. Böll, 2009, pp. 538-539. Cf. igualmente Linder, 2007; Böll/Linder, 1975; e Zimmer, 1975.

⁹ Cf. Spiegel-Redaktion, 1971. Böll foi presidente do PEN-Club International até 1974 e do PEN-Club alemão de 1970 a 1972.

¹⁰ Reich-Ranicki era amigo pessoal de Böll e admirava-o muito como pessoa, embora manifestasse reservas em relação à qualidade estética da sua obra, mormente da poética e da dramática. Essas reservas terão de algum modo influenciado a crítica que posteriormente se viria a pronunciar sobre a produção literária de Böll no espaço de língua alemã. Reich-Ranicki contraíra uma dívida de gratidão com Böll devido às diligências por este encetadas, em 1958, no sentido de lhe obter um visto de entrada na então RFA (cf. Reich-Ranicke, 1999, p. 367). O crítico literário alemão de origem polaca – cuja ascendência judaica o levou a ser enclausurado, durante a ocupação nazi, no Gueto de Varsóvia, onde conheceu a sua mulher – aludiu também reiteradamente a uma visita de cortesia que Böll lhe fizera naquele mesmo ano (altura em que o casal Reich-Ranicki vivia num humilde quarto mobilado em Frankfurt) e ao ramo de flores que o escritor tivera a gentileza de oferecer na ocasião à sua mulher (cf. Reich-Ranicke, 1999, p. 366). O conhecido “papa da literatura” considerava que as peças de teatro e os poemas de Böll não tinham grande valor, que alguns dos seus romances, como *Brot der frühen Jahre* (1955), *Billard um halb zehn* (1959) ou *Ansichten eines Clowns* (1963), eram razoáveis, mas não brilhantes, e que as suas melhores narrativas eram *Der Mann mit den Messern* (1948), *Wiedersehen in der Allee* (1974), *Wanderer kommst du nach Spa...* (1950) e, muito especialmente, *Doktor Murkes gesammeltes Schweigen* (1955) (cf. Reich-Ranicki, 2010).

¹¹ A expressão remete claramente para o conhecido romance de Böll *Ansichten eines Clowns* (1963), que retrata o processo de decadência de Hans Schnier, um palhaço que fazia pantomimas e que acaba a cantar na rua e dependente do álcool. A forma como Hans Schnier se autodefinia – “Ich bin ein Clown und sammle Augenblicke.” [Sou um palhaço e coleciono momentos.] – pode ser lida como uma espécie de programa literário do próprio Böll.

sacerdotal” (*verrückter Mann mit priesterlicher Würde*)¹². À imagem também de muitas das personagens que plasmou, Böll foi ainda apodado de “marginal não conformista” (*nonkonformistischer Außenseiter*) (Badewien / Schmidt-Bergmann [Hrsg.], 2014; Schildt, 2017) e de cúmplice intelectual do terrorismo (cf. Langels, 2012)¹³.

Não tenho obviamente a pretensão de trazer aqui hoje uma perspectiva original da vastíssima obra de Böll, sobre a qual há uma imensidão de estudos, como de algum modo evidenciam os 27 volumes da Edição de Colónia (Kölner Ausgabe), dados à estampa entre 2002 e 2010 pela renomada casa editora Kiepenheuer & Witsch. A Kölner Ausgabe integra não só a obra completa de Böll, designadamente textos de prosa narrativa curta (*Kurzgeschichten*), contos, romances, peças radiofónicas e de teatro, ensaios e entrevistas, mas também indicações sobre a génese e recepção produtiva e crítico-valorativa dos seus textos, bem como bibliografias e preciosos índices remissivos.

Os protagonistas da maioria das narrativas de Böll são pessoas que vivem nas margens da sociedade, que não conseguem libertar-se dos traumas da guerra e das suas consequências, designadamente burgueses conformistas, trabalhadores que sucumbem à pressão do desempenho produtivo imposto pelo “milagre económico”, intelectuais medíocres e oportunistas ou ainda representantes da hierarquia da Igreja Católica alheados da sua missão humanizadora. Na verdade, Böll sempre rejeitou a dimensão meramente estética da Literatura, tendo defendido que os escritores e intelectuais deveriam tomar posição com impacto sobre os problemas sociais e políticos que afligiam os seus contemporâneos. O próprio escritor sublinhou amiúde que o ponto de partida da sua produção literária era “*Gebundenheit*” [comprometimento], aliás uma das palavras-chave do seu pensamento poetológico. Com efeito, no âmbito de um conjunto de conferências que proferiu em 1964, na Universidade Johann Wolfgang Goethe, em Frankfurt, Böll frisava:

Obwohl als einzelner schreibend, ausgestattet nur mit einem Stoß Papier, einem Kasten gespitzter Bleitifte, einer Schreibmaschine, habe ich mich nie als einzelnen empfunden, sondern als Gebundenen. Gebunden an Zeit und an Zeitgenossenschaft, an das von einer Generation Erlebte, Erfahrene, Gesehene und Gehörte, das autobiographisch nur selten annähernd bezeichnend genug gewesen ist, um in Sprache gefaßt zu werden [...]. (Embora escrevendo isoladamente, munido de uma pilha de papel, de uma caixa de lápis afiados, de uma máquina da escrever, nunca me senti isolado, mas comprometido. Comprometido com o tempo, com a contemporaneidade, com aquilo que é vivido, experienciado, visto e ouvido por uma geração, que de um ponto de vista autobiográfico só raras vezes é suficientemente significativo para ser verbalizado [...]). (Böll, 2002a, p. 139)

Para Böll o processo da escrita consiste numa “atualização contínua” (*eine dauernde Fortschreibung*) ditada pela actualidade (Böll/Wellershoff, 1971, p. 331). Este programa literário é consentâneo com uma escrita simples, sem artifícios

¹² Cf. Reich-Ranicki, 1994, pp. 10, 92; Reich-Ranicki, 1999, pp. 367-368.

¹³ Vd. ainda Spiegel-Redaktion (1971).

de retórica e, como tal, passível de ser compreendida por vastas camadas de leitores. A questão que se coloca é se o pendor tendencialmente documental da obra de Böll não contenderá de algum modo com a sua qualidade estética e com a sua capacidade de suscitar o interesse do público leitor hodierno?

Denotando influências diversas, mas sobretudo de contistas americanos e alemães – em especial, de Faulkner, Hemingway e de O. Henry, cujas obras o próprio Böll verteu para o alemão, mas também de Johann Peter Hebel, Heinrich von Kleist, Theodor Storm, Bertolt Brecht, entre outros –, os contos e os textos de prosa narrativa curta de Böll enquadram-se na marcada tendência para estes subgéneros literários que se verificou na Alemanha do pós-guerra, especialmente representada por Wolfgang Borchert, Wolfdietrich Schnurre, Ilse Aichinger, Hans Bender, Elisabeth Langgässer, Alfred Andersch, Marie Luise Kaschnitz, Siegfried Lenz e Gabriele Wohmann.

As *Kurzgeschichten* e os contos de Böll da década de 50, inicialmente dadas à estampa em publicações periódicas, dividem-se *grosso modo* entre aqueles que incidem mais sobre temas morais ou ético-religiosos e os que abordam de forma satírica temas vários relacionados com a sociedade alemã na ex-República Federal da Alemanha (RFA) do pós-guerra. Em 1950, é publicada a primeira coletânea de Böll com o título de um dos seus contos mais famosos, *Wanderer, kommst du nach Spa...*¹⁴, à qual se seguiram *So ward Abend und Morgen* (1955), *Unberechenbare Gäste: Erzählungen* (1956), *Doktor Murkes gesammeltes Schweigen und andere Satiren* (1958), *Die Waage der Baleks. Zwölf Erzählungen* (1951-1954), *Der Mann mit den Messern und andere Erzählungen* (1959), *Die Waage der Baleks und andere Erzählungen* (1959) e *Der Bahnhof von Zimpern. Erzählungen* (1959).

A deformação caricatural e o humor satírico a que Böll submete as suas personagens e respetivos universos diegéticos é indissociável de uma crítica aos valores da burguesia que tinham alicerçado o regime nacional-socialista e que estariam a ressurgir na Alemanha do pós-guerra. Dos seus contos satíricos sobreleva uma tendência para reduzir ao absurdo não só as personagens, geralmente em número muito reduzido e com traços anti-heróicos, mas também o próprio universo diegético em que aquelas habitam e interagem.

A título de exemplo, debrucemo-nos um pouco sobre a famosa e imensamente discutida “narrativa humorística” *Nicht nur zur Weihnachtszeit* (Não só pela quadra de Natal), com o qual Böll enceta, em 1952¹⁵, uma nova fase da sua

¹⁴ *Viajante, Se Chegares a Esp...* Trata-se de um conhecido verso do poeta grego Simónides de Ceos (ca. 556 a.C. — 468 a.C.) – ali na tradução de Schiller –, inscrito na lápide de pedra que lembra os espartanos que morreram até ao último homem, em 480 a.C., na Batalha das Termópilas contra os persas. Schiller utiliza a inscrição em dois versos da elegia *Der Spaziergang* (1795): “Wanderer, kommst du nach Sparta, verkündige dorten, du habest / Uns hier liegen gesehn, wie das Gesetz es befahl”. [Viajante, se passares por Esparta, anuncia que, em obediência à sua lei, nos viste aqui jazendo].

¹⁵ A narrativa foi lida por Böll em novembro de 1952, numa reunião do Grupo 47 que teve lugar no castelo de Berlepsch, em Hessen. A primeira edição veio a lume no mesmo ano com o subtítulo “Eine humoristische Erzählung” [Uma narrativa humorística]. Cf. Böll, 1952. Na Kölner Ausgabe (2002-2010), o conto em apreço consta do 6.º volume (2007), pp. 204-230. Vd. também a edição portuguesa bilingue da narrativa: Böll, [s.d.][1983?]. Esta edição bilingue inclui os seguintes contos:

produção literária, após o período das chamadas “narrativas de guerra” (*Kriegserzählungen*). Nesta sátira, Böll critica pela primeira vez a sociedade burguesa do pós-guerra na então Alemanha Ocidental. O narrador intradieético relata na primeira pessoa (uma estratégia de verosimilhança usada por Böll em quase todas as suas narrativas curtas) as consequências devastadoras para a família da estranha doença da Tia Milla, desde sempre conhecida pelo seu gosto em enfeitar a árvore de Natal. Após a pausa imposta pela Guerra às festividades natalícias, a Tia Milla desata histericamente aos gritos quando a família começa a desmontar a árvore de Natal. A fim de evitar os seus gritos estridentes, para os quais nem os mais reputados médicos encontravam remédio, o Tio Franz, um bondoso e abastado comerciante cristão, resolve festejar diariamente a ceia de Natal¹⁶. Se inicialmente a família, solidária com o problema de saúde da Tia Milla, marcava presença diária na encenação, com o tempo vai sucumbindo ao desgastante ritual diário, até que ao fim de dois anos nele já só participavam, além da Tia Milla, bonecos de cera, atores e um sacerdote reformado¹⁷. Numa linguagem simples, mas condimentada com “o sal da sátira” (“das Salz der Satire”), na afortunada expressão de Karl Korn (1973, p. 75)¹⁸, e usando as técnicas narrativas da repetição e do exagero, Böll retrata assim o processo de degradação de uma família alemã da classe média alta do pós-guerra, criticando o ressurgimento do senti-

Das Abenteuer (1950); *Nicht nur zur Weihnachtszeit* (1951), *Mein Onkel Fred* (1951), *Der Lacher* (1952), *Der Engel* (1952), *Erinnerungen eines jungen Königs* (1953), *Es wird etwas geschehen* (1954), *Unberechenbare Gäste* (1954), *Die Suche nach dem Leser* (1954), *Doktor Murkes gesammeltes Schweigen* (1955), *Monolog eines Kellners* (1955), *Der Wegwerfer* (1957), *Im Tal der donnernden Hufe* (1957) e *Epilog zu Stiftern “Nachsommer”* (1970). As citações destes contos inseridas no presente artigo, bem como as respetivas traduções em português, foram retiradas desta edição bilingue supracitada.

¹⁶ Curiosamente, no conto *So ward Abend und Morgen* (1955), Böll retoma o tema da celebração da ceia de Natal, retratando contudo uma situação de algum modo inversa: o protagonista não ousa ir para casa na noite de Natal, porque a sua mulher não lhe dirige uma única palavra há semanas, pelo facto de ele lhe ter mentido sobre o montante do seu ordenado.

¹⁷ Mas passemos a palavra ao próprio Böll, no original alemão e na respetiva tradução de Veronika de Vasconcelos: “Immerhin: man muß bedenken, eineinhalb Jahre, das ist eine lange Zeit, und der Hochsommer war wieder gekommen, eine Jahreszeit, in der meinen Verwandten die Teilnahme an diesem Spiel am schwersten fällt. Lustlos knabbern sie in dieser Hitze an Printen und Pfeffernüssen, lächeln starr vor sich hin, während sie ausgetrocknete Nüsse knacken, sie hören den unermüdlich hämmernden Zwergen zu und zucken zusammen, wenn der rotwangige Engel über ihre Köpfe hinweg ‘Frieden’ flüstert, ‘Frieden’, aber sie harren aus, während ihnen trotz sommerlicher Kleidung der Schweiß über Hals und Wangen läuft und ihnen die Hemden festkleben”. [“Mesmo assim, é preciso imaginar que passara ano e meio; era muito tempo e estava-se novamente no Verão, uma estação do ano em que a participação na cerimónia era mais difícil para os meus parentes. Mordiscavam sem vontade as broas e os bolinhos de Natal, sorriam de olhar fixo enquanto iam partindo nozes já secas, escutavam os anões a martelar incansavelmente e estremeciam quando o anjo de faces rosadas sussurrava sobre as suas cabeças: ‘Paz, paz.’ Mas aguentavam e, apesar do vestuário de Verão, o suor corria-lhes pelo rosto e pelo pescoço, deixando as camisas coladas à pele.”] Böll, [s.d.] [1983?], pp. 33 e 166, respetivamente

¹⁸ A expressão deu inclusivamente o título a uma recensão ao conto *Doktor Murkes gesammeltes Schweigen*, publicada pela primeira vez na *Frankfurter Allgemeine Zeitung* em 1958 (cf. Korn, 1973).

mentalismo hipócrita, consumista e superficial nos rituais burgueses¹⁹. Como o próprio Böll viria a sublinhar, na sequência do mal-estar que esta narrativa gerou entre membros da hierarquia católica alemã, o relato do caso clínico da Tia Milla não tinha como objetivo difamar a mensagem cristã do Natal, mas fundamentalmente satirizar o consumismo burguês que fazia do Natal um enorme negócio (cf. Böll, 1977, pp. 76-77)²⁰.

Do conto *Nicht nur zur Weihnachtszeit* sobrelevam vários motivos recorrentes na obra de Böll – o motivo da “ovelha negra da família”²¹, o motivo do negócio associado à parafernália de objetos usados nos rituais católicos (enfeites, anjos grotescos, velas, fitas, etc.)²² e os motivos da exploração e do desperdício, associados à forma como o Tio Franz fizera fortuna e aos custos exorbitantes da encenação diária para evitar os gritos da Tia Milla – que redundam em última instância numa sátira à tendência para a restauração do espírito burguês, que valorizava os “bons velhos tempos”, como forma de evitar fazer uma avaliação moral, tendencialmente traumática, do período nazi (cf. Lochner, 2007, *passim*).

O conto satírico *Doktor Murkes gesammeltes Schweigen* [A coleção de silêncio do Dr. Murke] (1955) é por muitos considerado um dos melhores de Böll²³. O Dr. Murke, que trabalha no departamento cultural de uma estação de rádio, é encarregado de substituir a palavra “Deus”, que aparecia 27 vezes em duas conferências gravadas do reputado Professor Bur-Malottke sobre a Natureza da Arte, pela expressão “aquele ser supremo que veneramos” (*jenes höhere Wesen, das wir verehren*), que alegadamente era mais consentânea com a mundividência em que ele se reconhecia antes de 1945 (cf. Böll, [s.d.] [1983?], pp. 66-85; 203-225)²⁴. O famoso Professor Bur-Malottke, que ninguém tinha a coragem de contrariar,

¹⁹ A sátira foi adaptada ao cinema por Vojtěch Jasný, com o título original. O canal de televisão ZDF apresentou este filme em 1970, com Edith Heerdegen no papel de Tia Milla e René Deltgen no de Tio Franz. Vd., entre outros, os seguintes estudos sobre este conto publicados após 2000: Bellmann, 2016; Friedrichsmeyer, 2000; e Lochner, 2007.

²⁰ Böll respondia assim numa carta aberta a Hans Werner von Meyenn, diretor da central de rádio católica em Bethel, que numa carta aberta se insurgira contra a “contundente sátira à época” (*beißende Zeitsatire*), considerando-a “uma crítica sem responsabilidade” (*eine Kritik ohne Verantwortung*) e qualificando-a de “insensível, impiedosa, desumana” (*lieblos, unbarmherzig, unmenschlich*) (von Meyenn, 1977, pp. 601-604; vd. igualmente Köln, p. 747- 751).

²¹ O motivo da “ovelha negra” surge recorrentemente na obra de Böll associado aos marginalizados, aos mais desfavorecidos e àqueles que sucumbem, ou que de algum modo resistem, à ideologia do lucro material e do progresso a todo o custo que imperou na época de Adenauer. Em *Nicht nur zur Weihnachtszeit*, a ovelha negra é representada pelo primo Franz, que começa como pugilista, contra a vontade da família, e acaba por se tornar num monge, tendo sido contudo o único que teve a lucidez de propor o internamento da sua mãe. O conto *Die schwarzen Schafe*, que valeu a Böll o Prémio do Grupo 47 (vd. *supra* nota 5), incide sobre uma sucessão de “ovelhas negras” de uma família, as quais não trabalham, vivem de empréstimos, mas acabam todas, ironicamente, por ganhar a lotaria. Cf. Böll, 2004, pp. 159-167.

²² Estes objetos fazem lembrar o grande negociante de todo o género de mercadoria de devoção da bela narrativa *Kerzen für Maria* (1950). Cf. Böll, 2002b, pp. 517-529.

²³ Vd. *supra* nota 10.

²⁴ Em 1963-1964, a narrativa foi objeto de um filme para o canal de televisão Hessischer Rundfunk, numa realização de Rolf Hädrich e com Dieter Hildebrandt no papel de Doktor Murke.

convertera-se na fase de entusiasmo religioso do ano de 1945, mas tivera subitamente, “da noite para o dia” (über Nacht), como ele próprio dizia, “dúvidas religiosas”. Os 12 bocados de fita com a palavra “Deus” que foram cortados dos discursos de Bur-Mallotke pelo Dr. Murke, considerado “uma fera intelectual” (*eine intellektuelle Bestie*) pelo diretor da estação de rádio, acabaram por ser usados numa peça radiofónica, para preencher os silêncios com que um ateu respondia reiteradamente às perguntas que lhe faziam. Os bocadinhos de fita sem som cortados da peça passaram a incluir a coleção de silêncios do Dr. Murke, que gostava de os ouvir à noite em sua casa²⁵.

Esta narrativa, vinda a lume em plena época do “milagre económico” alemão, constitui uma sátira a políticos e intelectuais, muito populares nas estações de rádio da época, incluindo durante o regime nazi, que se empenharam em “corrigir” as obras que se tornaram politicamente incorrectas na nova ordem política. O conto encerra igualmente uma crítica às rádios e a certos meios culturais, desmascarando de forma absurda e cómica os discursos pretensamente profundos e recheados de artifícios de retórica. Compreende-se assim o gosto com que o Dr. Murke ouvia a sua colecção de silêncios, que sintomaticamente resultaram do corte da palavra “Deus” das conferências de Bur-Mallotke e da respetiva inclusão nos silêncios do ateu da peça radiofónica. O motivo da eloquência pacificadora do silêncio constitui também uma reação óbvia aos discursos enfáticos e perpassados de *pathos* de Hitler e seus sequazes, aos quais muitos escritores do pós-guerra responderam com textos e poemas enquadráveis numa “estética do silêncio”. Não se tratava na altura obviamente de convocar um silêncio apático, anódino, indiferente, mas um silêncio impulsionador de uma reflexão profunda e serena, que contribuísse para uma melhor compreensão do passado traumático então recente²⁶. Não é por acaso que um colega de Murke, mais velho e experiente, admitindo que os discursos de Bur-Mallotke arrasavam a paciência de qualquer um, afirma que deixara de ser nazi depois de ter sido obrigado a ouvir pela terceira vez um discurso de Hitler de quatro horas, a fim de lhe cortar três minutos.

²⁵ Respondendo à pergunta do seu chefe sobre a natureza dos bocadinhos de fita que guardava numa lata, Dr. Murke responde: “Schweigen [...] ich sammle Schweigen. [...] Wenn ich Bänder zu schneiden habe, wo die Sprechenden manchmal eine Pause gemacht haben – auch Seufzer, Atemzüge, absolutes Schweigen –, das werfe ich nicht in den Abfallkorb, sondern das sammle ich. Bur-Mallotkes Bänder übrigens gaben nicht eine Sekunde Schweigen her”. [“Silêncio [...] eu coleciono silêncio. [...] Quando tenho de cortar fitas de oradores que de vez em quando fizeram uma pausa, bem como suspiros, fôlegos, silêncio absoluto, não deito isso para o cesto dos papéis, mas sim coleciono-as. As fitas de Bur-Malottke, aliás, não renderam nem um segundo de silêncio.”]. Böll, [s.d.] [1983?], respetivamente, p. 221; 82.

²⁶ No âmbito de uma “estética do silêncio” enquadram-se diversos poemas e narrativas de expressão alemã (e não só) do pós-guerra, como, por exemplo, entre muitas outras, a famosa “constelação” de Eugen Gomringer intitulada “Schweigen”, uma das composições poéticas mais representativas da Poesia Concreta alemã, e o poema “Einladung zu einer Tasse Jssmintee”, de Reiner Kunze. Curiosamente, foi o próprio Böll que proferiu a *Laudatio* a Reiner Kunze em 1977, quando o então dissidente da ex-República Democrática Alemã foi agraciado com o Prémio Georg Büchner (cf. Böll, 2009a, pp. 99-105). A propósito da “estética do silêncio” neste contexto do pós-guerra, veja-se ainda a conhecida obra de Georg Steiner *Language and Silence: Essays on Language, Literature, and the Inhuman* (Steiner, 1998; 1.ª ed., 1967).

Tinha assim sido submetido a “uma cura dura, terrível, mas muito eficaz” (*es war eine harte, eine schreckliche, aber sehr wirksame Kur*) (Böll, [s.d.] [1983?], pp. 221 e 81).

Sobre a actualidade deste conto nem vale a pena discorrer. De facto, para muitos, que embarcam como baratas tontas na pretensa importância da chancela editorial ou da fama artificialmente construída por meios de comunicação social ao serviço de certos poderes, pouco interessa a qualidade daquilo que se escreve ou que se publica. O que muitas vezes se valoriza mais é o invólucro e a imagem criada através de propaganda paga a peso de ouro ou de (auto-)encenações tão falsas quanto vazias de qualidade²⁷.

Outro tema recorrente nos contos e nos textos de prosa narrativa curta de Böll da década de 50 do século XX é a crítica à hierarquia da Igreja Católica e ao Catolicismo burguês, que o escritor irá retomar e desenvolver mais tarde, principalmente nos romances *Der Engel schweig* (1992)²⁸, *Und sagte kein einziges Wort* (1953) e *Ansichten eines Clowns* (1963).

A *Kurzgeschichte Das Abenteuer* (1950) (*A Aventura*) debruça-se sobre o sacramento da confissão católica de um jovem representante de uma firma de casas pré-fabricadas, que assim tenta expiar a culpa que sente por ter traído a sua mulher com uma cliente²⁹. No cerne desta curta narrativa, além do motivo da confissão, estão os motivos da penitência e do adultério, que surgem também amiúde noutras obras de Böll, designadamente no conto *Die Kirche im Dorf* (1965), no mencionado romance *Und sagte kein einziges Wort* e na peça radiofónica *Hausfriedensbruch* (1969).

O jovem adúltero procura encontrar conforto na confissão, mas depara-se com um conjunto de reacções estereotipadas do padre, que fazia perguntas “curtas, lacónicas e sem qualquer nota pessoal, como as de um médico durante a inspeção”³⁰, de algum modo condizentes com a decrepitude da Igreja, com os objectos poeirentos e com o guarda-vento da entrada que cheirava a mofo³¹. Em *Das Abenteuer*, Böll apela implicitamente a uma prática religiosa empenhada e genuína, criticando assim os rituais mecânicos e desprovidos de sentimento da burguesia, tencionalmente mais preocupada com a forma, com a aparência, do que

²⁷ A propósito, veja-se um interessante livro de Jorge Buescu, que demonstra a facilidade com que foi possível publicar artigos inventados, sem qualquer qualidade, em reputadas revistas internacionais, alegadamente com arbitragem científica, mas que não passam, muitas vezes, de autênticos logros em todos os aspetos (cf. Buescu, 2014).

²⁸ O romance foi escrito em 1949-1950, mas só viria a ser publicado postumamente em 2002, no âmbito da comemoração do 75.º aniversário do escritor.

²⁹ Cf. Böll, [s.d.] [1958?], pp. 141-146; 11-16.

³⁰ “Diese Fragen kamen kurz, knapp, ohne jede persönliche Note, wie die eines Arztes bei der Musterung” (Böll, [s.d.] [1983?], p. 144 (original alemão) e p. 13 (tradução portuguesa, acima, no texto).

³¹ Uma velha baixinha, que se encontrava em frente ao altar de Nossa Senhora. terá sido a única pessoa que fez sentir ao narrador a presença de algo de transcendente. Cf. Böll, [s.d.] [1983?], pp. 15-16; 146. Curiosamente, o sacramento da confissão é apresentado por Böll de forma muito mais euforizante na narrativa *Kerzen für Maria* (publicada no mesmo ano de *Das Abenteuer*), onde o sacramento da confissão consubstancia uma ponte verdadeira e poderosa entre o transcendente e o imanente, entre o céu e a terra (cf. Böll, 2002b, pp. 517-529).

com o conteúdo, com a essência. Este tema é abordado nas obras de Böll de duas formas: por um lado, a religião como amor incondicional pelo próximo e, por outro, o Catolicismo como hierarquia luxuosa e como mero conjunto de rituais frios, rígidos, desumanizados e completamente alheados da missão solidária, que está na sua gênese, de apoio concreto e de conforto aos mais carenciados. Na sua famosa “Carta a um jovem católico” (*Brief an einen jungen Katholiken*), publicada em 1958 na revista *Werkhefte katholischer Laien*³², Böll considerava que os católicos alemães há décadas que não tinham outras preocupações para além do aperfeiçoamento da liturgia e da elevação do gosto³³. O escritor não confundia contudo os traços de desumanização e de falta de solidariedade humana que vislumbrava na hierarquia católica, nem tão pouco a superficialidade do Catolicismo burguês, com a devoção genuína e com práticas religiosas sentidas de muitos católicos, designadamente da gente humilde irlandesa³⁴. Böll era de facto um “católico incómodo” (*ein unbequemer Katholik*) (Hurth, 2010, p. 399). Se, por um lado, teceu reiteradamente nas suas obras duras críticas à Igreja Católica como instituição, retratando a sua crueldade, a sua arrogância e a sua piedade hipócrita, por outro, também apresentou a igreja como sendo a casa de Deus, um lugar que inspirava uma paz imensa e onde se sentia a presença divina. Com efeito, nos romances *Und sagte kein einziges Wort* e *Ansichten eines Clowns* – que se prendem com as dificuldades financeiras e suas consequências na relações de dois casais, que acabam por sucumbir às mudanças geradas, respectivamente, pela guerra e pelo “milagre económico” na ex-RFA do pós-guerra –, Böll critica contundentemente o luxo em que viviam os membros da hierarquia da Igreja Católica alemã, bem uma certa tendência para asfixiar e destruir, por vezes com frieza, o sentimento humanista do amor pelo próximo. Em resposta ao repto que lhe foi lançado Karlheinz Deschner (1924-2014) – um escritor alemão internacionalmente famoso pela críticas contundentes que teceu ao Cristianismo e à Igreja Católica³⁵, – sobre o que pensava do Cristianismo (*Was halten Sie vom Christentum? 18 Antworten auf eine Umfrage*, 1957), Böll escreveu o ensaio “Eine Welt ohne Christus” [Um mundo sem Cristo], em que afirmava:

Eine christliche Welt müsste eine Welt ohne Angst sein, und unsere Welt ist nicht christlich, so lange die Angst nicht geringer wird, sondern wächst; nicht die Angst vor dem Tode, sondern die Angst vor dem Leben und den Menschen, vor den Mächten und Umständen, Angst vor dem Hunger und der Folter, Angst vor dem Krieg. [...] Ich überlasse es jedem einzelnen, sich den Alptraum einer

³² O texto foi originalmente escrito para ser lido aos microfones do canal de rádio Süddeutscher Rundfunk, mas a emissão acabou por ser suspensa por ordem do diretor, devido ao contundente tom crítico do texto ao Catolicismo alemão do pós-guerra. Vd. o interessante comentário de Werner Bellmann a esta conhecida carta de Boll: Bellmann, 2014.

³³ “Die deutschen Katholiken [...] haben seit Jahrzehnten kaum andere Sorgen gehabt als die Vollkommenheit der Liturgie und die Hebung des Geschmacks” (Böll, 2005, p. 451).

³⁴ As práticas religiosas de católicos irlandeses estão bem documentadas no seu *Irisches Tagebuch* (1957).

³⁵ A sua obra mais conhecida é a monumental *Kriminalgeschichte des Christentums* [História Criminal do Cristianismo]. Vd. Deschner, 1986-2013.

heidnischen Welt vorzustellen oder eine Welt, in der Gottlosigkeit konsequent praktiziert würde: den Menschen in die Hände des Menschen fallen zu lassen. [...] Ich glaube an Christus, und ich glaube, dass 800 Millionen Christen auf dieser Erde das Antlitz dieser Erde verändern können. (Um mundo cristão teria de ser um mundo sem medo. E o nosso mundo não é cristão, enquanto o medo não diminuir, mas continuar a crescer. Não se trata do medo da morte, mas do medo da vida e dos homens, dos poderes e das circunstâncias, do medo da fome e da tortura, do medo da guerra. [...]) Deixo ao cuidado de cada um imaginar o pesadelo que seria um mundo pagão, ou um mundo no qual o ateísmo fosse praticado de forma consequente: deixar cair o homem nas mãos do homem. [...] Acredito em Cristo, e acredito que 800 milhões de cristãos nesta terra podem mudar a face desta terra). (Böll, 2005a, pp. 347-349)

O assumidamente católico Böll recusou-se a pagar, a partir de 1972, o *Kirchensteuer* (um imposto eclesiástico pago na Alemanha por cada cidadão crente à respetiva confissão religiosa)³⁶, que ele qualificava de uma forma de “proxenetismo” (*Zuhälterei*), comparando-o a um “grande negócio” (*Großunternehmen*) (cf. Böll / Wintzen, 1977, p. 556). O escritor considerava este imposto não só uma evidência da orientação materialista da instituição Igreja Católica, mas também uma fiscalização ilegítima de relação mística de cada cidadão com a religião (cf. Böll / Wintzen, 1977, p. 556). Em 1976, Böll declara publicamente a sua saída da instituição de direito público que era (e continua a ser) a Igreja Católica alemã. O autor permaneceu contudo fiel ao Catolicismo até ao fim da sua vida, participando ativamente nos rituais afetos à fé católica³⁷.

Böll insurgiu-se reiteradamente, quer no plano ficcional, quer no real, contra a “restauração”, na sociedade alemã do pós-guerra, da velha ordem burguesa, com os modelos familiares, sociais e políticos que tinham alicerçado o regime nazi:

[...] das, was wir Restauration nennen und was man so nennen muß, [hat] die alten Formen fast zwanghaft wieder kreiert: wieder Familienegoismus, wieder Besitzstreben, wieder Bürgerlichkeit. Bürgerlichkeit ist sicher eine Möglichkeit zu leben und eine, die in der Geschichte sehr viel Fruchtbarkeit gezeigt hat; aber als rekonstruiertes Modell hat sie sich eigentlich nach 1950, glaube ich, nicht mehr tragfähig erwiesen.” ([...] aquilo que designamos por Restauração, e que como tal deve ser designado, reciou quase compulsivamente as velhas formas: novamente o egoísmo familiar, novamente a luta pela posse, novamente a burguesia. A burguesia

³⁶ Este imposto eclesiástico, que não existe em Portugal nem em muitos outros países, é cobrado pelas autoridades fiscais dos diversos estados federais alemães e varia entre entre os 6 e os 11% do IRS.

³⁷ A cerimónia fúnebre em Merten, perto de Colónia, quando da morte de Böll, embora tivesse sido realizada numa sala da igreja e na presença de um padre católico amigo da família, não terá obedecido propriamente ao ritual católico, segundo o testemunho de Günter Grass, que, curiosamente, na altura se encontrava em Portugal, e se deslocou de propósito a Colónia para se despedir do seu grande amigo. Grass encontrava-se então no Algarve, onde, como é sabido, tinha uma casa e passava férias, procurando distanciar-se da sua pátria (cf. Grass, 2009). Curiosamente, num longo ensaio publicado no jornal *Die Zeit* na sequência da morte de Böll, Grass relata o episódio cómico do fato preto que teve de pedir emprestado a um amigo galerista para levar ao funeral (cf. Grass, 2009).

é decerto uma possibilidade de viver, e uma que a História mostrou ser bastante produtiva, mas como modelo reconstruído, creio que, após 1950, demonstrou que, de facto, já não é viável). (Böll, 2009, p. 512)

Böll não teria decerto em mente a restauração do Nacional-Socialismo, mas a recuperação de velhos modelos adotados por uma burguesia conformista, pouco culta e apostada em garantir a velha ordem social. Uma burguesia que não estava minimamente interessada em discutir as causas e as consequências do seu passado recente. Böll falava em Restauração no sentido que foi conferido ao termo pelo escritor e jornalista Walter Dirks, num famoso ensaio dado à estampa nos *Frankfurter Hefte* em 1950, com o título “Der restaurative Charakter der Epoche” (cf. Dirks, 1950, pp. 942-946). Dirks considerava que as “forças restaurativas” (*restaurative Mächte*) se organizavam no pós-guerra, não só na ex-RFA, mas em toda a Europa ocidental (cf. Dirks, 1950, p. 944). A Guerra Fria originara, na opinião do conhecido editor dos *Frankfurter Hefte*, um fosso entre uma elite intelectual não conformista, empenhada em compreender o passado no sentido de se orientar no futuro, que não advogava essas tendências restaurativas conformistas, e uma prática política e económica que retomava modelos, símbolos e poderes do passado (cf. Schildt, 2017). Dirks – secundado por uma certa elite cultural da Alemanha do pós-guerra, em que se incluía obviamente Heinrich Böll – apelava ao empenhamento político das “forças da renovação” (*Kräfte der Erneuerung*) (Dirks, 1950, p. 954), no sentido de “um mundo mais humano” (*menschlichere Welt*) e inconformista, por oposição ao “mundo velho” da ordem burguesa restaurada após a Segunda Guerra Mundial (cf. Dirks, 1950, p. 942)³⁸.

O apelo de Dirks a um “mundo mais humano” é também absolutamente consentâneo com o conceito de “estética do humano”, que Böll dilucidou nos quatro seminários que deu em 1964 na Universidade de Frankfurt, subordinados precisamente ao tema “Sobre a estética do humano na literatura” (*Zur Ästhetik des Humanen in der Literatur*). O escritor começa por explicitar o que entendia por “estética do humano” – “o viver, a vizinhança e a pátria, o dinheiro e o amor, religião e refeições” (*das Wohnen, die Nachbarschaft und die Heimat, das Geld und die Liebe, Religion und Mahlzeiten*) –, partindo do pressuposto que a linguagem, o amor e o comprometimento tornam o homem humano, fazendo com que ele se

³⁸ “Die Völker Europas haben weder den militärischen Zusammenbruch noch den militärischen Sieg zu nutzen verstanden. Sie haben die Aufgabe nicht gelöst, die ihnen gestellt war: nach dem Zusammenbruch der alten Welt eine menschlichere aufzubauen. [...] [S]o leben wir denn in einem Zeitalter der Restauration. Die Wiederherstellung der alten Welt ist so nachdrücklich geschehen, daß man sie zunächst einmal als Tatasache hinzunehmen hat”. [Os povos da Europa não aprenderam nada nem com a derrota militar, nem com a vitória militar. Não realizaram a tarefa de que foram incumbidos: construir um mundo mais humano, após o colapso do velho mundo. Vivemos assim por isso numa época da restauração. O restabelecimento do velho mundo aconteceu de forma tão expressiva, que tem de ser aceite por enquanto como uma realidade] (Dirks, 1950, p. 942).

relaçione consigo próprio, com os outros e com Deus, respetivamente através do monólogo, do diálogo e da oração³⁹.

Volto à questão inicial: qual o grau de atualidade da obra de Böll? A propósito do 25.º aniversário da morte de Böll, Marcel Reich-Ranicki declarou que o escritor tinha caído em larga medida no esquecimento (cf. Reich-Ranicki / Wittstock, 2010). Muito embora se tenha assistido de facto a uma compreensível diminuição de vendas dos seus livros, considero que muitos textos de Böll ganham hoje uma actualidade muito especial. A sua linguagem simples e despretensiosa mantém uma frescura intemporal e as fábulas das suas narrativas constituem autênticas parábolas do mundo hodierno: a crítica ao consumismo desenfreado, a crítica à crescente insensibilidade burguesa em relação ao significado profundo dos rituais cristãos, a crítica à burguesia sem valores e norteada pela ideologia do lucro, a crítica aos intelectuais medíocres, oportunistas e palavrosos, fabricados por meios de comunicação social manipulados pelo poder, e a crítica ao luxo em que vive uma certa hierarquia da Igreja Católica, tantas vezes alheia das dificuldades e da exploração a que os pobres e os oprimidos são sujeitos por capitalistas sem escrúpulos. As palavras de ordem (aliás praticamente sinónimos) do Böll escritor e do Böll homem para a construção de uma sociedade mais humanizada eram “comprometimento” (*Gebundenheit*) e “envolvimento” (*Einmischung*), porque, como sublinhava em 1973 o Nobel da boina basca, “o envolvimento é a única forma de permanecer realista” (*Einmischung ist die einzige Möglichkeit realistisch zu bleiben*) (Böll, 2002, p. 190).

Nem todas as gerações, como afirmou Marcel Reich-Ranicki, podem ter a pretensão de ter um Böll, pelo que a Alemanha deve estar grata por aquele que teve⁴⁰. Vale de facto apenas visitar a obra de Böll, dado que o mundo hodierno dá sinais cada mais fortes de um perigoso desapareço pela tal “estética do humano”, a que o devoto escritor alemão reiteradamente fazia apelo.

Referências bibliográficas

- Badewien, J. / Schmidt-Bergmann, H. (Hrsg.) (2014). *Ansichten eines Außenseiters. Heinrich Böll – gefeiert, bekämpft, vergessen?*. Baden / Karlsruhe: Evangelische Akademie [= Herrenalber Forum, 74].
- Bellmann, W. (2014). “*Übertreibung* ist die Definition der Kunst”. Ein Kommentarbeitrag zu Heinrich Bölls “Brief an einen jungen Katholiken”. *Wirkendes Wort*, 64, Heft 1, 85–96.
- Bellmann, W. (2016). Zu Heinrich Bölls Satire “Nicht nur zur Weihnachtszeit”. Daten, Fakten, Hintergründe. *Wirkendes Wort, Deutsche Sprache und Literatur in Forschung und Lehre*, 66, Heft 1, 53–65.
- Böll, H. (2005). Brief an einen jungen Katholiken. In *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 10, 1956–1959, pp. 441–458 e 774–781). Hrsg. von V. Böll. Köln: Kiepenheuer und Witsch.
- Böll, H. (2001). *Briefe aus dem Krieg 1939–1945*. 2 Bde. Köln: Kiepenheuer und Witsch.

³⁹ “Ich gehe von der Voraussetzung aus, daß Sprache, Liebe, Gebundenheit den Menschen zum Menschen machen, daß sie den Menschen zu sich selbst, zu anderen, zu Gott in Beziehung setzen – Monolog, Dialog, Gebet” (Böll, 2005, p. 139, 142).

⁴⁰ “Nicht jede Generation kann erwarten, dass sie einen Böll hat. Das Land muss dankbar sein, für den einen, den es hatte” (Reich-Ranicki / Wittstock, 2010).

- Böll, H. (2009). Drei Tage im März (1975). Gespräch mit Christian Linder. In *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 24, 1953-1975, pp. 461-547). Hrsg. von J. H. Reid. Köln: Kiepenheuer und Witsch.
- Böll, H. (2005a). Eine Welt ohne Christus. In *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 10, 1956-1959, pp. 347-349). Hrsg. von V. Böll. Köln: Kiepenheuer und Witsch.
- Böll, H. (2002b). Einmischung erwünscht: Schriften zur Zeit. In *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 18, 1971-1974, pp. 187-191 e 598-601). Hrsg. von V. Böll und R. Schnell. Köln: Kiepenheuer und Witsch. [= Heinrich Böll (1977). *Einmischung erwünscht: Schriften zur Zeit*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, pp. 13-16].
- Böll, H. (2002a). Frankfurter Volesungen. In *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 14, 1963-1965, pp. 139-201 e 517). Hrsg. von J. Schubert. Köln: Kiepenheuer und Witsch.
- Böll, H. (2002b). Kerzen für Maria. In *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 4, 1949-1950, pp. 517-529 e 788-790). Hrsg. von H. J. Bernhard. Köln: Kiepenheuer und Witsch.
- Böll, H. (2017). *Man möchte manchmal wimmern wie ein Kind. Kriegstagebücher 1943-1945*. Köln: Kiepenheuer & Witsch.
- Böll, H. [s.d.] [1983?]. Não só pela quadra de Natal. In *Contos Irônicos* (Edição bilingue. Tradução portuguesa de Verónica de Vasconcelos, pp. 17-37 e 147-171). Lisboa: Publicações Europa-América. [= In *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 6, 1952-1953, pp. 204-230 e 688-703). Hrsg. von Árpád Bernáth. Köln: Kiepenheuer und Witsch].
- Böll, H. (1952). *Nicht nur zur Weihnachtszeit*. Mit Illustrationen von Henry Meyer-Brockmann. Frankfurt am Main: Frankfurter Verlagsanstalt [= studio frankfurt. Hrsg. von Alfred Andersch].
- Böll, H. (1977). Offener Brief an den Pfarrer von Meyenn. In B. Balzer (Hrsg.), *Heinrich Böll. Werke. Essayistische Schriften und Reden 1* (1952-1963), pp. 76-77. Köln: Kiepenheuer & Witsch. [= In H. Böll, *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 6, 1952-1953, pp. 269-271 e 746-752). Hrsg. von Á. Bernáth. Köln: Kiepenheuer und Witsch].
- Böll, H. (2009a). Reiner Kunze. In *Werke*. Kölner Ausgabe, Bd. 20, 1977-1979, pp. 99-105). Hrsg. von J. Schubert. Köln: Kiepenheuer und Witsch.
- Böll, H. (2004). Die schwarzen Schafe. In *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 5, pp. 159-167 e 398-406). Hrsg. von R. C. Conrad. Köln: Kiepenheuer und Witsch.
- Böll, H. (2002-2010). *Werke* (Kölner Ausgabe, 26 Bände + 1 Registerband). Hrsg. von J. H. Reid et al. Köln: Kiepenheuer & Witsch.
- Böll, H. (1972, 10-01). Will Ulrike Gnade oder freies Geleit? *Der Spiegel*. URL: <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-43019376.html> (Acedido em março de 2017).
- Böll, H. / Linder, C. (1975, 21-07). Schimpfen ist menschlicher (Interview). *Der Spiegel*. URL: <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-41458276.html> (Acedido em março de 2017).
- Böll, H. / Sauer, K. / Schütte, W. (1976, 13. März). “Alle reden vom Volk”. Ein Gespräch mit Heinrich Böll zur Situation in Portugal. *Frankfurter Rundschau*, 62, (“Zeit und Bild”), III.
- Böll, H. / Wellershoff, D. (1971). Gruppenbild mit Dame. Ein Tonband-Interview. *Akzente*, 18, 331-346.
- Böll, H. / Wintzen, R. (1977). Eine deutsche Erinnerung. Interview mit René Wintzen. In B. Balzer (Hrsg.), *Heinrich Böll – Werke. Interviews 1: 1961-1978*, pp. 504-665. Köln: Kiepenheuer & Witsch. [= Böll, H. / Wintzen, R. (2010). Eine deutsche Erinnerung. In H. Böll (2002-2010), *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 25, 1976-1979, pp. 292-465). Hrsg. von W. Jung und B. Conrad. Köln: Kiepenheuer & Witsch].
- Buescu, J. (2014). *Primos Gêmeos, Triângulos Curtos e Outras Histórias de Matemática*. Lisboa: Gradiva.
- Carvalho, M. (2017). *Quando Portugal Ardeu. Histórias e Segredos da Violência Política no Pós-25 de Abril*. Alfragide: Oficina do Livro.
- Deschner, K. (1986-2013). *Kriminalgeschichte des Christentums* (10 Bde). Reinbeck: Rowohlt.
- Dirks, W. (1950, September). Der restaurative Charakter der Epoche. *Frankfurter Hefte*, 5, 942-954.
- FAZ-Redaktion (2008, 04-08). Solschenizyn bei Böll: “Ein weltgeschichtlicher Moment”. *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (Feuilleton). URL: <http://www.faz.net/aktuell/feuilleton/solschenizyn-bei-boell-ein-weltgeschichtlicher-moment-1677253.html> (Acedido em março de 2017).
- Friedrichsmeyer, E. (2000). Nicht nur zur Weihnachtszeit. In W. Bellmann (Hrsg.), *Heinrich Böll. Romane und Erzählungen. Interpretationen* (pp. 70-81). Stuttgart: Reclam.
- Grass, G. (2009, 20-05). Als Heinrich Böll beerdigt wurde. *Die Zeit*, 22. URL: <http://www.zeit.de/2009/22/D-Beerdigung-Heinrich-Boell> (Acedido em março de 2017).

- Hurth, E. (2010). Ein unbequemer Katholik: Was heute von Heinrich Böll zu lernen wäre. *Herder Korrespondenz*, 64. Jahrgang, Heft 8, pp. 399-404.
- Kiepenheuer & Witsch (2017). *Heinrich Böll wird 100*. URL: <https://www.boell100.com/> (Acedido em setembro de 2017).
- Korn, K. (1973). Das Salz der Satire. In W. Lengning (Hrsg.), *Der Schriftsteller Heinrich Böll: Ein biographisch-bibliographischer Abriss* (pp. 75-77). München: Deutscher Taschenbuch Verlag.
- Langels, O. (2012, 13-06). Protest gegen den Vorwurf der “geistigen Mittäterschaft am Terrorismus”. *Deutschlandfunk Kultur*. URL: http://www.deutschlandfunkkultur.de/protest-gegen-den-vorwurf-der-geistigen-mittaeterschaft-am.932.de.html?dram:article_id=208176 (Acedido em março de 2017).
- Linder, C. (2007, 21-12.). Moralisches Gewissen der Bundesrepublik. Vor 90 Jahren wurde Heinrich Böll in Köln geboren. *Deutschlandfunk Kultur*. URL: http://www.deutschlandfunk.de/moralisches-gewissen-der-bundesrepublik.871.de.html?dram:article_id=126099 (Acedido em março de 2017).
- Linder, C. (2009). *Das Schwirren des heranfliegenden Pfeils. Heinrich Böll. Eine Biographie*. Berlin: Matthes & Seitz Verlag.
- Lochner, S. (2007). *Heinrich Bölls Kritik an den Restaurationstendenzen der Nachkriegszeit. Die Figurenkonstellation in der Kurzgeschichte “Nicht nur zur Weihnachtszeit”*. [eBook]. München: GRIN Verlag GmbH.
- Meyenn, H. W. von (1977). Offener Brief. In B. Balzer (Hrsg.), *Heinrich Böll. Werke. Essayistische Schriften und Reden 1 (1952-1963)*, pp. 601-604. Köln: Kiepenheuer & Witsch. [= In H. Böll (2002-2010), *Werke* (Kölner Ausgabe, Bd. 6, 1952-1953, pp. 747- 751). Hrsg. von Á. Bernáth. Köln: Kiepenheuer & Witsch].
- Reich-Ranicki, M. (1994). *Mehr als ein Dichter: Über Heinrich Böll*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag.
- Reich-Ranicki, M. (2000). *Mein Leben*. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt.
- Reich-Ranicki, M. / Wittstock, U. (2010, 15-07). Bölls Theaterstücke und Gedichte sind nichts wert (Interview). *Welt Online*. URL: <https://www.welt.de/kultur/article8476083/Boells-Theaterstuecke-und-Gedichte-sind-nichts-wert.html> (Acedido em março de 2017).
- Schäfer, M. [s.d.]. “Bei mir ist jeder Flüchtling willkommen” – Alexander Solschenizyn und Heinrich Böll. *Heinrich Böll Stiftung. Die grüne politische Stiftung*. URL: <https://www.boell.de/de/content/bei-mir-ist-jeder-fluechtling-willkommen-solschenizyn-und-boell> (Acedido em março de 2017).
- Schildt, A. (2017). Heinrich Böll – Schriftsteller und Publizist in der frühen Bundesrepublik [Vortrag]. *Heinrich Böll Stiftung. Die grüne politische Stiftung*. URL: <https://www.boell.de/de/2017/11/08/heinrich-boell-schriftsteller-und-publizist-der-fruehen-bundesrepublik> (Acedido em Novembro de 2017).
- Schubert, J. (2017). *Heinrich Böll – Biographie*. Mit einem Vorwort von René Böll. Hrsg. von der Heinrich-Böll-Stiftung. Darmstadt: Theiss Verlag.
- Sieg, C. (2011). Schriftsteller als “Gewissen der Nation”. Religiöse und politische Aspekte eines Autorschaftskonzepts der Nachkriegszeit. In C. Meier / M. Wagner-Egelhaaf (Hrsg.), *Ikone – Stile – Institutionen* (pp. 317-330). Berlin: Akademie Verlag.
- Spiegel-Redaktion (1971, 25-10). Die Unions-Fraktion blieb sitzen. *Der Spiegel*. URL: <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-50110012.html> (Acedido em março de 2017).
- Steiner, G. (1998). *Language and Silence: Essays on Language, Literature, and the Inhuman*. New Haven: Yale University Press.
- Vormweg, H. (2000). *Der andere Deutsche: Heinrich Böll – Eine Biographie*. Köln: Kiepenheuer und Witsch.
- Zimmer, D. E. (1975, 08-08). Bundesanstalt für Gewissen?. *Die Zeit*. [Atualizado em 22-11-2012]. URL: <http://www.zeit.de/1975/33/bundesanstalt-fuer-gewissen> (Acedido em março de 2017).

Resumo

Respondendo à temática do presente volume, pareceu-me oportuno revisitar a obra de Heinrich Böll, titular do Prémio Nobel da Literatura, no ano em que se comemora o centenário do nascimento. O presente artigo levanta a questão da atualidade da obra de Böll, mormente dos seus contos e *Kurgeschichten* da década de 50 do século XX, os géneros literários em que o escritor foi mais fecundo. Destas narrativas do pós-guerra sobrelevam três temas, transversais a toda a obra de Böll: i) a crítica a uma burguesia conformista, indiferente e consumista, com tendências para restaurar a velha ordem social, que alicerçou o regime nacional-socialista; ii) a crítica aos meios de comunicação social e a certos intelectuais que pactuavam sempre com o poder vigente através de programas e outras obras oportunistas e politicamente corretos; iii) e a crítica à Igreja Católica como instituição luxuosa e alheia da sua missão humanizadora. “Comprometimento” (*Gebundenheit*) e “envolvimento” (*Einmischung*) eram as palavras de ordem da “estética do humano” que caracteriza a produção literária de Böll, e que no mundo hodierno ganha uma atualidade muito especial.

Abstract

In my attempt at revisiting Heinrich Böll's *oeuvre*, recipient of the Nobel Prize in Literature, on the centennial of his birth, this essay foregrounds the importance of reading, nowadays, Böll's tales and *Kurgeschichten* of the 50s of the twentieth-century – the literary genre in which he was most prolific. Within these post-war tales, three recurrent themes emerge, which also feature throughout the entire body of his work: i) a critique of a conformist, indifferent, and consumeristic bourgeoisie, intent on restoring the old social order that nurtured the national-socialist regime; ii) a critique of the media and of a number of intellectuals who always bowed down to the *régime* by way of endorsing opportunistic and politically correct programs and other works; iii) and a critique of the Catholic Church as a sumptuous institution unmindful of its humanizing mission. “Engagement” (*Gebundenheit*) and “involvement” (*Einmischung*) were the catchwords of the “aesthetics of the human”, which characterizes Böll's literary output, and that keeps on speaking to us today.